

## **DE ITUIUTABA (MG) A BARREIRINHAS (MA): experiências e vivências de um trabalho de campo**

Plínio Andrade Guimarães do Nascimento  
Graduando em Geografia na FACIP-UFU  
plinioufu@msn.com

Leonardo Batista Pedroso  
Graduando em Geografia na FACIP-UFU  
pedroso88@msn.com

Vinícius Ghouthier Tirone Julião do Prado  
Graduando em Geografia na FACIP-UFU  
vinicao3233@hotmail.com

Lorena Nayara da Silveira  
Graduanda em Geografia na FACIP-UFU  
lorenanayara\_89@hotmail.com

Glece Eurípides S. Alves  
Graduanda em Geografia na FACIP-UFU  
sglece@yahoo.com.br

Patrícia Francisca de Matos  
Professora do Curso de Geografia da FACIP-UFU  
patriciamatos@pontal.ufu.br

### **Introdução**

O trabalho de campo na ciência geográfica é uma ferramenta importante, pois permite a relação entre teoria e prática, fornecendo ao pesquisador uma experiência que consideramos indispensável: o contato direto com o objeto de estudo. Este contato propicia a percepção e a vivência do que foi estudado em sala de aula.

Trata-se, portanto, de uma experiência rica que, conforme afirma Alentejano e Rocha-Leão (2006) vêm acompanhando a Geografia desde sua sistematização enquanto ciência. Da sistematização da Geografia enquanto ciência até meados do século XX, o trabalho de campo orientava-se na observação e na descrição dos fenômenos nas paisagens, resultando, portanto numa prática descritiva. Com o advento da Geografia Crítica, o trabalho de campo, além da observação, perpassa também pela interpretação e compreensão.

Assim, tendo em vista a importância do trabalho de campo na Geografia, foi realizado, do dia 11 a 20 de junho de 2010, um trabalho de campo nas regiões Norte e Nordeste como parte da conclusão das disciplinas “Formação do Espaço Brasileiro: Região Nordeste” e “Formação do Espaço Brasileiro: Amazônia”. Nesta atividade prática, participaram os alunos de graduação do 5º e 7º período, do curso de Geografia, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (FACIP), da Universidade Federal de Uberlândia. O objetivo do trabalho foi conhecer os ecossistemas do Norte e Nordeste do Brasil, as relações sociais, econômicas e culturais dessas regiões, tendo como exemplificação Marabá (PA), São Geraldo do Araguaia (PA), São Luís (MA) e Barreirinhas (MA).

A fim de alcançar esses objetivos, foi organizado um roteiro de trabalho de campo contendo as principais atividades realizadas durante o trajeto, sendo instituída como metodologias a observação, anotações de campo, coleta de dados por meio de visitas guiadas, registro fotográfico e relato de pesquisa em grupos. Nas visitas guiadas, tivemos em Marabá o auxílio do docente do Curso de Geografia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Marcus Vinícius Mariano de Souza, que percorreu esta cidade junto com as turmas do 5º e 7º período, discorrendo sobre os processos de urbanização e produção do espaço urbano. No município de São Geraldo do Araguaia (PA), juntamente com o professor Marcus Vinícius Mariano de Souza, o docente do Curso de Agronomia Everaldo Teles, também da UFPA, guiou os visitantes na Serra das Andorinhas, onde foram realizadas importantes observações diretas do local, por meio de explicações sobre os fatores físicos (escoamento superficial, característica do solo e da vegetação da região etc.). Em São Luís (MA), na empresa Vale, contamos com a colaboração de um funcionário que mostrou parte do funcionamento da empresa. Ainda nesta cidade, o professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), José Sampaio Mattos Júnior, guiou-nos ao Centro Histórico e discorreu sobre o processo de urbanização de São Luís e enfatizou os aspectos culturais e as atividades voltadas para o turismo existente.

Desse modo, o trabalho de campo realizado permitiu para os discentes o enriquecimento do conteúdo estudado em sala e, além disso, vivências e experiências de fundamental

importância para o entendimento das questões sociais, econômicas, culturais e ambientais das regiões Norte e Nordeste do Brasil.

### **Experiências e vivências da região Norte**

Saindo de Ituitutaba (MG) em direção a Marabá (PA), o grupo de estudantes e professores da FACIP percorreria um trajeto longo de viagem, passando por diversos municípios goianos e tocantinenses. A chegada a Marabá (PA) ocorreu depois de 38 horas de viagem. Observamos durante este percurso, que o uso e a ocupação do solo de muitos municípios dos estados de Goiás e Tocantins se caracterizam principalmente pelas atividades de pecuária e agricultura. Diante disso, consideramos a importância da rodovia BR-153 para a constituição da rede interurbana, que integra a região Norte ao Sul e Sudeste brasileiro, tendo em vista a circulação dessa produção agrícola e agropecuária, dentre outras mercadorias e fluxos de pessoas. Somado a isso, o grupo vivenciou a experiência de passar por duas balsas, meio de transporte comum no Norte do Brasil.

Chegando a Marabá-PA<sup>1</sup>, as primeiras impressões que marcaram o lugar foram o forte calor (36º graus) e a falta, em muitos lugares da cidade, de infra-estrutura básica como esgoto, pois este correria a “céu aberto” em algumas ruas. Percorrendo a cidade com o auxílio do professor Marcus Vinícius, conhecemos um pouco da dinâmica do espaço urbano. A cidade em questão é formada basicamente por três núcleos urbanos, que possuem o formato de “y”: cidade de Marabá (Pioneira), cidade Nova e Nova Marabá, seqüência organizada conforme a ordem de surgimento dos núcleos urbanos. Constatamos que o centro histórico da Marabá pioneira é um dos locais mais belos da cidade, caracterizado por uma arquitetura antiga, datada do período colonial em contraste com a cidade nova, que apresenta traços da urbanização contemporânea. Além disso, foi possível conhecer a dinâmica do turismo na cidade, viabilizada, sobretudo pelos rios Tocantins e Itacaiunas que, nos meses de estiagem formam praias de areia fina no curso do rio. As praias mais próximas da cidade distam,

aproximadamente, 3 quilômetros. Para chegar até as praias, é necessário o uso de barcos ou canoas.

Nessa ocasião, tivemos a oportunidade de visitar as praias e deparamos com muito lixo na areia e no rio. Além disso, os visitantes sofrem com a falta de infra-estrutura como, por exemplo, banheiros químicos. Porém, percebemos que aquele local, regado de bares e sons altos com músicas típicas do Pará, danças atraem além da população local, turistas de outras localidades do país.

Marabá possui um posicionamento estratégico não só para o estado, mas também para todo o norte do país, pois é cortada por três grandes rodovias, a BR-222, a BR-230 e a PA-150. Além disso, possui uma grande infra-estrutura logística, com porto, aeroporto e ferrovia. Possui um parque industrial em expansão, com destaque às indústrias siderúrgicas, e também no setor de comércio e serviços, sendo considerado um pólo regional. Marabá é o quarto município mais populoso do Pará, contando, em 2009, segundo dados do IBGE, com aproximadamente 203.049 mil habitantes; o 3º maior PIB do estado e ainda o principal centro político, social e econômico do Sul e Sudeste do Pará.

Próximo a Marabá, no município de São Geraldo do Araguaia (PA), visitamos a Serra das Andorinhas. Auxiliados pelo professor agrônomo Everaldo Teles, observamos a vegetação, que se configura pela transição de espécies do Cerrado e da Floresta Amazônica; as características pedológicas e litológicas dessa região. Ainda segundo esse professor, o solo nesta área é arenoso e distrófico, pelo fato de ocorrer altos índices pluviométricos, além da elevada temperatura ao longo do ano que, por sua vez, favorece o processo de lixiviação dos minerais primários como cálcio, sódio, potássio etc. Esse solo é formado principalmente a partir do intemperismo físico da rocha arenítica. O docente desta instituição ainda explicou que, a devastação da Floresta Amazônica, nessa região, corresponde atualmente em uma menor infiltração e armazenamento de água no solo. Conseqüentemente, há um aumento do escoamento superficial, carreando os nutrientes para o rio. Percebe-se, então, que a retirada da vegetação propiciou condições hídricas para a atuação do processo erosivo, em especial, na Serra das Andorinhas.

De Marabá (PA) a São Luis (MA), foram 19 horas de viagem desbravando os Estados de Tocantins e Maranhão. Nesse trajeto, pela janela do ônibus, a paisagem ficou marcada na memória de cada discente ao visualizar as condições sociais dos lugares e também pela experiência de passar por uma reserva indígena na rodovia MA-280. Cerca de 40 quilômetros dessa rodovia se encontram em uma área de reserva indígena, trecho onde os nativos fazem piquetes na estrada como uma forma de compensar a área perdida para caça, moradia, plantio e outros. Observamos, então, que a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e outras instituições de cunho social não estão desempenhando efetivamente seus papéis para estas famílias indígenas que moram nas proximidades dessa rodovia. Assim, ações sociais e culturais voltadas para o desenvolvimento da educação, saúde e apoio as atividades artesanais, entre outras, contribuiriam ainda mais para a qualidade de vida dos povos indígenas.

### **Viajando pelo Nordeste do Brasil: experiências em São Luís e nos Lençóis maranhenses**

A capital maranhense localiza-se na ilha Upaon-Açu (denominação dada pelos índios tupinambás que significa "Ilha Grande"). Foi fundada em 8 de setembro de 1612, a partir da ocupação dos franceses na região. É a única cidade brasileira fundada por franceses e é uma das três capitais brasileiras localizadas em ilhas.

São Luís é a quarta cidade mais populosa do Nordeste e a décima quinta do Brasil, com 957.515 habitantes. Possui o maior Produto Interno Bruto (PIB) do Estado do Maranhão, sendo que uma de suas principais atividades econômicas é a mineração, destacando-se, nesse caso, o importante papel da empresa Vale (IBGE, 2007). Nessa empresa, tivemos a oportunidade de conhecer parte de seu funcionamento, principalmente a de operação de transportes, a parte técnica de qualificação dos maquinistas (Foto 1), o centro de controle das linhas onde são organizadas as locomotivas nos ramais e os processos de recebimento e tratamento dos minérios oriundos da mina de Carajás, localizada no Estado do Pará, e que são embarcados no porto para exportação.



Foto 1 – **São Luís (MA)**: operação dos sistemas de transportes (ferrovias) na empresa Vale.

Fonte: NASCIMENTO, P. A. G., jun./2010.

Apesar de não termos visitado o Porto do Itaqui, da empresa Vale, avistamos esse porto e, por meio do funcionário da mesma, obtivemos informações sobre a importância que este porto possui para a circulação de mercadorias, em específico, dos minérios que são distribuídos de São Luís para a região Nordeste e exportados especialmente para nações europeias e asiáticas, no mercado internacional. O Porto do Itaqui, é um dos mais movimentados do país; serve para escoar a produção industrial e de minério de ferro vinda de trem da Serra dos Carajás, atividade explorada pela empresa Vale.

Outra atividade econômica importante em São Luís é o turismo graças às belas praias, às manifestações culturais e ao seu centro histórico. Em relação às praias, percebemos que algumas não estão em condições para banho, isso, devido ao despejo de esgoto no mar, fato este que não constitui particularidade de São Luis, uma vez que ocorre em muitas cidades litorâneas.

Quanto às manifestações culturais, impressionou-nos a diversidade cultural, diante de exemplos como o bumba-meu-boi, tambor de crioula, cacuriá, dança portuguesa, quadrilhas juninas, *reggae* e outras. O centro histórico também nos impressionou por dois motivos: a

*Plínio Andrade Guimarães do Nascimento; Leonardo Batista Pedroso; Vinícius Ghouthier Tirone Julião do Prado; Lorena Nayara da Silveira; Glece Eurípedes S. Alves; Patrícia Francisca de Matos*

beleza das construções do período colonial (parte preservada) e o estado deplorável de algumas. Aquelas que não recebem reparos sofrem com a ação do tempo, com o vandalismo, servindo, em muitos casos, como refúgios para usuários de drogas. Essas duas realidades, a beleza das construções preservadas e as construções danificadas, chamam a atenção dos visitantes. (Foto 2).



Foto 2 – **São Luís (MA)**: contraste do patrimônio cultural no centro histórico.  
Fonte: NASCIMENTO, P. A. G., jun./2010.

No centro histórico, um dos lugares de São Luís mais visitados pelos turistas, percebemos uma estrutura urbana equipada para atender este público, como bancos, restaurantes, lojas de artesanato onde são vendidas redes, vasos pintados, roupas estampadas que retratam, especialmente, os aspectos culturais e religiosos da cidade (Foto 3).

*Plínio Andrade Guimarães do Nascimento; Leonardo Batista Pedroso; Vinícius Ghouthier Tirone Julião do Prado; Lorena Nayara da Silveira; Glece Eurípedes S. Alves; Patrícia Francisca de Matos*



Foto 3 – **São Luís (MA)**: comércio no centro histórico voltado para o turismo.  
Fonte: NASCIMENTO, P. A. G., jun./2010.

Após dois dias em São Luís observando e aprendendo os aspectos culturais e sociais da cidade, seguimos para Barreirinhas (MA), local onde tivemos a oportunidade de conhecer o parque dos Lençóis Maranhenses<sup>2</sup>.

Barreirinhas, as margens do rio Preguiça é conhecida por ser a “porta de entrada” dos lençóis maranhenses, uma extensa área de areias brancas e lagoas. A cidade de Barreirinhas é uma cidade pequena, com população total de 47.850 habitantes (IBGE, 2007). Durante todo o ano, recebe turistas brasileiros e de outros países, tendo, portanto, um fluxo grande de turistas. Caminhando pela cidade, notamos a falta de infra-estrutura básica do espaço urbano, como saneamento básico e asfalto em muitas ruas.

Depois de percorrermos o espaço urbano da cidade, dirigimo-nos aos lençóis maranhenses, utilizando o veículo Toyota bandeirante (4 x 4) com carroceria adaptada para levar confortavelmente 10 passageiros. Após atravessarmos de balsa um rio, seguimos por cerca de 4 quilômetros por caminhos onde somente os veículos adaptados conseguem trafegar. Um trajeto de aventuras e adrenalina, pois os veículos trafegam em alta velocidade,



*Plínio Andrade Guimarães do Nascimento; Leonardo Batista Pedroso; Vinícius Ghouthier Tirone Julião do Prado; Lorena Nayara da Silveira; Glece Eurípedes S. Alves; Patrícia Francisca de Matos*

driblando a vegetação<sup>3</sup>, poças de água e o solo arenoso. Após o percurso em veículo, com a presença de guias, caminhamos por cerca de 2 quilômetros nas dunas (algumas atinge até 40 metros de altura) apreciando a beleza destas e das lagoas<sup>4</sup> azul turquesa, formadas pelo acúmulo de água durante o período das chuvas, constituindo em uma paisagem exuberante (Foto 4).



Foto 4 – **Barreirinhas (MA)**: vista parcial dos lençóis maranhenses.  
Fonte: PRADO, V.G.T.J., jun./2010.

Por fim, o retorno ao Triângulo Mineiro, após cerca de 50 horas de viagem, com parada em Araguaína (TO) onde repousamos por 8 horas. A viagem foi cansativa, mas prazerosa no sentido de voltarmos com a sensação de ter aprendido muito sobre alguns lugares das regiões Norte e Nordeste e, tendo a certeza da necessidade da prática de trabalho de campo, porque a realização desta atividade permite associar os conteúdos que foram estudados na teoria, em sala de aula, com a realidade local de cada município visitado.

## **Considerações finais**

Por meio do trabalho de campo realizado no Norte e Nordeste do Brasil, foi possível observar as diferenças nos âmbitos social, econômico e cultural dessas duas regiões em relação ao Sudeste. Estas diferenças podem ser explicadas pelo ordenamento territorial numa perspectiva histórica, sobretudo pelas práticas político-econômicas da região e do Brasil em sua formação desigual.

Assim, o trabalho de campo nos revelou que o processo de modernização do território não alcançou, na mesma intensidade econômica e espacial, todos os municípios das regiões Norte e Nordeste, principalmente, quando se compara com o Centro-Sul do Brasil.

Isso pode ser explicado também pelos aspectos políticos, uma vez que, os investimentos públicos realizados pelo Governo Federal nos anos de 1970, equiparam com infra-estrutura urbana as cidades do Sul e Sudeste do país, mas, no entanto, desconsideraram no planejamento e gestão territorial as nordestinas e nortistas (SOUZA, 2010).

Nos municípios de Marabá e São Geraldo do Araguaia localizadas no estado do Pará, tivemos a oportunidade de nos defrontar com uma dinâmica socioespacial bem distinta daquela vivenciada na região Sudeste, caracterizada por traços de uma população que desenvolve suas atividades em meio à ausência de infra-estrutura urbana básica em grande parte dos municípios, como saneamento básico, água tratada e até mesmo na falta de fiscalização por parte do Poder Público em relação ao exercício das leis de trânsito.

Além disso, em cada lugar visitado, foi importante compreender e aprender suas especificidades e particularidades, principalmente associado às questões culturais, econômicas e sociais, como o patrimônio histórico e o museu no centro histórico e as danças típicas de São Luís (MA), além da presença da empresa Vale, sem desconsiderar ainda as médias e pequenas que dinamizam a economia dessa cidade; observamos também as dunas de areia e as belíssimas lagoas que constituem os lençóis maranhenses, e por sua vez, impulsionam a atividade turística do município de Barreirinhas (MA).

Esses fatos nos proporcionaram “enxergar” a riqueza cultural e natural das regiões Norte e Nordeste com outros “olhos”, afastados de conceitos pré-estabelecidos, principalmente, pela mídia que muitas vezes cria uma imagem dessas áreas do país como sinônimo de atraso econômico associado à escassez de chuvas e a pobreza dos moradores.

Portanto, as ações políticas nacionais e regionais como, por exemplo, o II PND e a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) não conseguiram atender realmente os objetivos propostos nos seus planos, dentre eles, o de promover o desenvolvimento da infra-estrutura dos municípios brasileiros e articulação econômica entre os núcleos urbanos intra-regionais e inter-regionais.

<sup>1</sup> O município de Marabá foi criado em 27 de fevereiro de 1913, passando somente no dia 5 de abril do mesmo ano a ser formalmente instalado. No entanto, é somente no dia 27 de outubro de 1923 que, através da Lei 2207, Marabá recebeu o título de cidade. (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ, 2010).

<sup>2</sup> Uma área de 155 mil hectares demarcada em 1981 para proteger o ecossistema das dunas e a vegetação de restinga no entorno.

<sup>3</sup> A vegetação típica dos lençóis maranhenses são os mangues e a restinga. Alguns manguezais, definidos como mangue-vermelho, podem atingir até 12 m de altura.

<sup>4</sup> Conforme informações do guia, o parque agrega mais de 4000 lagoas.

## Referências

AB’SÁBER, A.N. **Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p.115-137.

IBGE. **Marabá (PA): produto interno bruto e contagem da população, 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **São Luís (MA): produto interno bruto e contagem da população, 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>, 2009>. Acesso em: 30 jun. 2010.

KAISER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 84, p. 51-69, jul., 2006.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: HUCITEC, 2008.

SECRETARIA DE TURISMO DE SÃO LUÍS. **São Luís (MA): perfil de demanda turística (2009)**. São Luís, 2010. Mimeo.

*Plínio Andrade Guimarães do Nascimento; Leonardo Batista Pedroso; Vinícius Ghouthier Tirone Julião do Prado; Lorena Nayara da Silveira; Glece Eurípides S. Alves; Patrícia Francisca de Matos*

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. DE F. FRANÇA, M.N. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos:** projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5. ed. rev. atual. 2. reimp. Uberlândia, 2008.

SOUZA, M. A. A. O II PND e a política urbana brasileira: uma contradição evidente. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Org.). **O processo de urbanização no Brasil.** 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2010. p. 113-143.

SUERTEGARAY, D. M. Pesquisa de campo em geografia. **Geographia**, Rio de Janeiro, n.7, p. 92-99, jul. 2002.

THOMAZ JUNIOR, A. A Trabalho de campo: o laboratório por excelência do geógrafo. In: \_\_\_\_\_. **Geografia passo a passo (ensaios críticos dos anos 90).** Presidente Prudente: Centelha, 2005. p. 31-39.